

Brasil não aceita marginalização

Sarney diz que o País rejeita restrições a projetos científicos

HERMINIO OLIVEIRA/RADIOBRAS

Paris — Com uma escala em Paris em sua viagem oficial à União Soviética, o presidente José Sarney quis demonstrar que o Brasil está equidistante do bloco comunista e do capitalista, firmemente decidido a ser a "grande potência" do Terceiro Mundo, disseram meios diplomáticos da capital francesa.

Ontem à noite, no transcurso de uma visita privada, Sarney foi recebido no palácio do Eliseu pelo presidente francês François Mitterrand com quem conversou sobre problemas de interesse político e econômico entre os dois países, além dos de ordem internacional.

Fontes brasileiras próximas à delegação lembraram expressões de Sarney no sentido de que o "Brasil não aceitará ser marginalizado" através de restrições impostas pelo Ocidente e pelos Estados Unidos na área científica (energia nuclear, técnicas espaciais e informática).

Para Sarney, o "Brasil quer manter com a União Soviética relações adultas baseadas no equilíbrio dos interesses mútuos" e defendeu o retorno de Cuba à Organização dos Estados Americanos (OEA) da qual foi excluída em 1962 por iniciativa dos Estados Unidos.

Coincidindo com este espírito, soube-se entre os que acompanharam Sarney à Europa, que em 25 de janeiro próximo o presidente de Cuba, Fidel Castro, viajará a São Paulo para presidir juntamente com o governador Orestes Quêrcia, a inauguração do Memorial da América Latina.

Segundo observadores em Paris, com a viagem de Sarney, o Brasil lançou-se de cabeça em uma ofensiva diplomática com vistas a obter um preponderante lugar entre as nações que são uma "grande potência do Terceiro Mundo".

Pouco antes de deixar Brasília, Sarney afirmou que a América Latina deveria fazer frente à crise por seus próprios meios, com a ajuda da integração econômica que lhe permitirá entrar no compasso das nações do século XXI.

Mas, para Sarney esta possi-



bilidade somente poderá se concretizar com o acesso à alta tecnologia. A viagem do presidente brasileiro — considerada como "histórica" pela comitiva — permitirá abordar temas essenciais para o país, como a cooperação espacial, que motivou a rubrica de um acordo com a China em julho passado.

O tema da dívida externa brasileira, que atinge 121,3 bilhões de dólares, segundo números do Banco Central do Brasil, será contemplado sem dúvida no transcurso das conversações com autoridades da economia francesa. Com um superávit de 1,9 bilhão de dólares na balança comercial em setembro passado, chega a 14,5 bilhões de dólares o saldo positivo registrado nos nove meses deste ano, de acordo com informações da pasta de comércio exterior, primeiros or do Banco do Brasil (Cacex) divulgadas em Paris.

Segundo estimativas da Cacex, o saldo positivo da balança comercial do Brasil poderá fixar-se em 18 bilhões de dólares enquanto as exportações chegariam em 1988 a 33 bilhões e as importações a 15 bilhões.

O presidente Sarney foi recebido sábado na localidade ao sul de Mirabeau por Jean-Claude Lattes, diretor-geral da editora Hachette, responsável pela publicação do livro de Sarney, "Além dos rios", com um prólogo de Jorge Amado. A noite, em Paris, Sarney e sua comitiva, foram a uma recepção oferecida em sua homenagem por Jean Luc Lagardere, presidente do grupo Hachette.

Na TV, tema é literatura

Paris — O presidente José Sarney concedeu na manhã de ontem uma entrevista à televisão francesa sobre literatura brasileira para o programa Apostroph, dirigido por Bernard Pivoux. O programa será transmitido no próximo domingo, pelo canal 2, às 22h15. Segundo o relato do escritor Jorge Amado, o presidente Sarney debateu com Bernard Pivoux o problema da vocação literária seduzida pela política, o encontro e o desencontro da política e da literatura. O presidente Sarney disse que mesmo com o seu tempo tomado pela política sempre encontra algum espaço para literatura que é a sua vocação real.

Ainda de acordo com o relato de Jorge Amado o segundo te-

ma da entrevista referiu-se ao cenário dos livros escritos pelo presidente José Sarney: o Maranhão. O Presidente discorreu também sobre a fundação da cidade de São Luís pelos franceses. Jorge Amado explicou que o programa Apostroph é fundamentalmente cultural, do mais alto nível, e tem grande audiência. Os escritores franceses e estrangeiros lutam para uma participação neste programa, pois seu alto índice de audiência faz a venda dos livros apresentados aumentar. "Isto já aconteceu comigo aqui na França" — afirmou Amado. A entrevista para o programa Apostroph foi realizada na casa do embaixador do Brasil em Paris, João Hermes Pereira de Araújo.

Comércio é a prioridade

Brasília — A visita que o presidente José Sarney realiza à União Soviética — de hoje, até o dia 21 — representa a normalização das relações bilaterais e o coroamento do esforço de aproximação que os dois países vêm realizando nos últimos três anos, na análise do Itamarati. Os dois países mantêm relações diplomáticas há 160 anos (completados no último dia 12). Sarney é o primeiro chefe de Estado brasileiro a visitar a União Soviética neste século; Dom Pedro II visitou a Rússia (czarista) no século passado.

As relações Brasil-URSS foram interrompidas por duas vezes: em 1918, logo depois da Revolução Bolchevique, e em outubro de 1947, dois anos e meio depois de restabelecidas. No final da década de 50 as relações foram intensificadas para, depois do movimento militar de 1964, serem novamente esfriadas. No início dos anos 70, com a mudança da política externa brasileira, calcada no "pragmatismo responsável", o Brasil tornou-se um dos grandes parceiros comerciais da URSS na América Latina.

Porém, com a redemocratização do Brasil, a partir de 1985, foi dado um novo rumo às relações bilaterais. Na posse do presidente José Sarney, uma missão de alto nível da URSS encaminhou-lhe convite para visitar o país. No final daquele ano, o então chanceler Olavo Setúbal tornou-se o primeiro chanceler brasileiro a visitar Moscou. Na ocasião, firmou um acordo de cooperação econômica e técnica, cuja ratificação vai ser feita pelos dois governos nesta quarta-feira.

Em setembro do ano passado, visitou Brasília o chanceler Eduard Shevardnadze, quando foram assinados mais dois acordos: um de cooperação cultural e outro de cooperação econômica, comercial e tecnológica de longo prazo, que também serão ratificados pelos dois governos. Tais acordos possibilitam uma base sobre a qual os dois países poderão desenvolver relações mais próximas em várias atividades, especialmente na área econômica.

BARREIRAS

A ida do presidente Sarney a Moscou, segundo o Itamarati, tem como objetivo principal identificar oportunidades na área econômica. Os dois países chegaram a comercializar 900

milhões de dólares em 1983, cifra reduzida, no ano passado, a 450 milhões de dólares. A idéia é retomar a cifra anterior, superando as barreiras que têm prejudicado o fluxo de comércio.

O Brasil exporta basicamente matérias-primas para os soviéticos e importa principalmente petróleo, já que os produtos industrializados oferecidos pela URSS são em boa parte produzidos no país. Delegações dos dois governos têm estudado fórmulas alternativas para incrementar o comércio. Assim, durante a visita de Sarney, os chanceleres Abreu Sodré e Shevardnadze vão assinar acordo para o fornecimento mútuo de maquinaria, equipamentos e outros produtos, e outro que abre linhas de financiamento para importação, firmado entre o Banco do Brasil e o Banco para Assuntos de Comércio Exterior da URSS. Inicialmente não vai haver limites de crédito.

INVESTIMENTO

E na esteira da Perestroika (reconstrução) que várias empresas brasileiras poderão investir na URSS. De acordo com o Itamarati, com as mudanças que vêm sendo implementadas na URSS, os recursos da indústria armamentista serão desviados para a produção de bens de consumo, área em que o Brasil poderá participar, através de joint-ventures. E por isso que mais de 100 empresários brasileiros estão em Moscou, para participar da 4ª Expobrasil. São da área de construção civil, calçados, informática, têxteis etc. A URSS está disposta a financiar obras ferroviárias no Nordeste.

No pacote de acordos a ser assinado, inclui-se também um na área espacial. Trata-se de acordo para utilização pacífica do espaço, visando o intercâmbio entre o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) e órgãos congêneres soviéticos. No primeiro momento será abrangida apenas a área de pesquisa pura. O Itamarati descarta a possibilidade de, no âmbito deste acordo, serem utilizados foguetes soviéticos para o lançamento de satélites. Isso porque essa questão é puramente comercial: os serviços soviéticos na área são vendidos, como acontece com os EUA, França e China. A chancelaria brasileira também descarta, pelo menos a curto prazo, a criação de uma linha aérea ligando os dois países.